



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FREDOLINO ADALBERTO RICARDO TAUBE III**

**(depoimento)**

**2002**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-25

**Entrevistado:** Fredolino Adalberto Ricardo Taube

**Nascimento:** 01/11/1917

**Local da entrevista:** Residência do entrevistado – Canoas/RS

**Entrevistadores:** Cássio Felipe Tejada Nunes

**Data da entrevista:** 15/05/2002

**Transcrição:** Cássio Felipe Tejada Nunes

**Conferência Fidelidade:** Cássio Felipe Tejada Nunes

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Não há

**Total de gravação:** Não se sabe

**Páginas Digitadas:** 20

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 0913/2004/01

**Número de registro da fita:** Não há.

**Observações:** Entrevista realizada por Cássio Felipe Tejada Nunes durante a elaboração de sua monografia de conclusão de curso intitulada “O processo de federalização da ESEF/UFRGS: o estudo de um caso” defendida em 2003 junto ao Curso de Licenciatura em Educação Física - ESEF/UFRGS. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em julho de 2003.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

TAUBE, Fredolino Adalberto Ricardo. *Fredolino Taube III (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

## **Sumário**

A entrevista versa sobre o processo de federalização da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; os trâmites internos da Universidade; a participação do entrevistado, então Diretor da Escola; as modificações no cotidiano da Escola em função da federalização; a passagem para o sistema de créditos; a atuação dos professores; a cerimônia da federalização; as demissões de professores e técnico-administrativos; o início do concurso vestibular.

Canoas, 15 de maio de 2005. Entrevista com Fredolino Taube, a cargo do entrevistador Cássio Nunes.

C.N. - Professor, em minha pesquisa anterior, a gente tomou conhecimento que havia reuniões do Conselho Universitário – CONSUN -, com os professores membros das diversas Cátedras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que se reuniam e discutiam o futuro e o presente da Universidade. Numa das reuniões, segundo as Atas, uma das pautas era a questão da incorporação ou não da ESEF<sup>1</sup> na reforma do estatuto da Universidade. Nesta reunião, alguns professores mostraram-se a favor da inclusão da ESEF à UFRGS, que ela começa-se a fazer parte da UFRGS nesta reforma, já em 1968. Esta proposta foi à votação e foi derrotada. A questão é o seguinte: Os professores da ESEF tinham conhecimento destas reuniões que aconteciam na UFRGS? Se tiverem, como repercutiu, já em 68, esta hipótese de os professores passarem a serem “federais”?

F.T. - Bom, eu vou dizer uma coisa: como a gente não era professor de tempo integral, a gente dava umas aulinhas e desaparecia. Não, não tinha conhecimento de certas coisas, e as coisas nem vinham... Não eram publicadas nem vinham ao conhecimento da gente. Por isso eu vou dizer, a Federalização ela era algo que tinha um rumorzinho sobre a possibilidade da Escola ser federalizada, de fazer parte da Universidade. Mas a gente não sabia quando nem como e aquilo tomou corpo naquela época que era o Médi<sup>2</sup> era o Presidente da República e o Passarinho<sup>3</sup> era o Ministro da Educação. Eu sempre digo, foi uma grande Ministro da Educação esse Passarinho. Eu sempre digo, nós tivemos três grandes governos, três governos que a gente pode classificar de grandes, de bons. Refiro-me ao primeiro que foi a Monarquia, na época de Dom Pedro II, na época em que foi feita a Rede Ferroviária no Brasil, a pá e a picareta. *Fizeram!* Túneis enormes, com implementos fraquíssimos que hoje até a gente acha graça. E fica pensando: como é que podem fazer? Aí eu digo sempre: entrou a famigerada República. Eu digo, eu nunca fui a favor da República. Acho que os cabeças até fossem bons, tivessem boas idéias, mas a cambada que se junta em volta depois tem interesses particulares, não é ajudar o povo. Não, eles têm outros interesses e isto continua até hoje, quando criam um município e começam: “o prefeito vai ganhar tanto, os vereadores tanto” Então, pega os governos da

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física

<sup>2</sup> Emílio Garrastazu Médi<sup>3</sup>

Monarquia e tem o Getúlio<sup>4</sup>, um dos grandes homens da nossa Pátria, que soube começar... “Agora vou começar devagarzinho a siderurgia”. E sem grandes gastos, sem se endividar, sem deixar o país pendurado. Começou com a fábrica nacional de motores e outras coisas foram implantadas no tempo do Getúlio. Bastou tirarem ele porque ele era meio ditador, uma ditadura branda. Daí ele se suicidou, o que eu não acredito - era um cara que tinha a cabeça no lugar o velho Getúlio. E um outro bom governo foram os vinte anos dos militares. Olha, faz um levantamento das coisas boas que foram feitas! Apesar de terem perseguidos alguns, botados na cadeia aquela coisa toda, mas e o que foi feito tudo? *Grandes obras!* Por exemplo, aquela ponte do Rio-Niterói foi feita naquela época. Ninguém teve coragem e nem teria feito nunca porque aquelas obras eram todas inacabadas aqui no Brasil, começavam e largavam pro outro que daí não fazia, achava que não ia dar certo e ficava assim. Apesar dos pesares, o atual governo do FHC<sup>5</sup> ta fazendo algumas coisas boas, apesar de estarmos apegando em dívidas por causa do FMI<sup>6</sup>. Uma das coisas boas que ele fez foi à lei da responsabilidade fiscal: o município, o prefeito ou o governador de um Estado não pode gastar mais do que a verba que ele tem condições de ter; não pode ficar devendo, isso é coisa de mulher. Mulher está acostumada a gerenciar o dinheiro, tanto para leite, tanto para pão, tanto para colégio das crianças e ficava guardadinho, não se gastava mais. E essa lei tem a cara disso. O cara tem que fazer um envelope e dizer assim: no município nós pudemos ter tanto para isso, para isso e para aquele outro. Se for mais vocês vão arcar, vão pra cadeia. Isto que é responsabilidade. Eles xingam muito o FHC mais algumas coisas foi muito e outra, a maior parte que está xingando ele é porque ele está mexendo. Não sei se você conhece uma coisa que diziam sobre aquele de São Paulo<sup>7</sup> que depois abdicou, era meio alocado, era Presidente, era o governador de São Paulo, era antes ou no tempo da construção de Brasília... Tinha até uma piada, era meio suja era assim: O Pagnini levantava de manhã e tocava alguma coisa no violino Stradivarios dele com o arco ele tocava e o Governador de São Paulo, quando acordava tocava no traseiro de vários. [Risos] Ele era daqueles que não levava desaforo pra casa, ele acabou desistindo depois de ser eleito novamente - eu vou me lembrar do nome dele, eu ando muito esquecido.

---

<sup>3</sup> Ministro Jarbas Passarinho

<sup>4</sup> Getúlio Dornelles Vargas.

<sup>5</sup> Fernando Henrique Cardoso.

<sup>6</sup> Fundo Monetário Internacional.

<sup>7</sup> Estado Brasileiro

C.N. - O senhor falou que achava o Jarbas Passarinho um bom ministro, um dos políticos que prestava...

F.T. - Eu acho que ele foi um bom secretário. Ele, depois era assim, ele visitou a Escola, ele foi lá. O Reitor para ir na ESEF foi uma briga.

C.N. - O Reitor não queria ir à Escola?

F.T. - O Reitor era o Faraco<sup>8</sup>. Não é que não queria ou não tinha tempo. De repente ele “eu vou lá na ESEF”. Aí ele, casualmente, eu fui lá dentro no pavilhão e disse para os alunos: “Vocês ficam formados lá no fundo como professores de Educação Física. Formatura bonita, para o Reitor Faraco...O pessoal dava vaia nele antigamente, mas ali ele entrou e a turma deu uma salva de palmas pra ele aí ele falou, ele ficou abobado com a recepção que ele recebeu dos alunos, a ordem que tinha, aquela coisa lá, todo mundo uniformizado.

C.N. - Foi o senhor que pediu para os alunos ficarem uniformizados?

F.T. – Não, aquilo nem havia necessidade de pedir. Eu disse: “olha, vem o Reitor nos visitar.” Então, num instante eles foram se arrumar lá dentro...Professor de Educação Física tem que ter essa qualidade de fazer as coisas, não é? Sem que outro professor tenha que ficar como com guri de ginásio, colocando no lugar. O Ministro foi lá, fizemos uma apresentação, o pessoal cantou para o Ministro e ele ficou muito faceiro. Eu nem sei se ele ainda está vivo, nem a Escola eu sei como é que anda. Eu sei pela minha filha que é professora<sup>9</sup>, só por isso e sei que está andando. Mas fico pensando que naquela época haviam expoentes, não eu. Eu era um zero à esquerda, mas havia expoentes da Educação Física dentro da Escola, como Waldir Echart<sup>10</sup>, do Basquete e Vôlei, que foi técnico de vários clubes e tinha o Gomes Moreira<sup>11</sup>. Aliás, o Waldir Echart é fundador da Escola em 40, ele ajudou a fundar a Escola naquele tempo. Ele era capitão da Brigada... Antônio Moreira Filho, falecido. O Diretor era o Capitão Olavo Amaro da Silveira, depois parece

---

<sup>8</sup> Eduardo Zaccaro Faraco

<sup>9</sup> Margô Leni Taube, ex-professora da ESEF.

<sup>10</sup> Waldir Calvet Echart

<sup>11</sup> João Gomes Moreira Filho

que ele fundou a Escola de Educação Física de Minas, lá de Belo Horizonte<sup>12</sup>; o Olavo, ele já deve ser falecido, porque quando ele fundou a escola em Belo Horizonte ele já era General da Reserva.

C.N. - Professor, pelo que o senhor me falou, trabalhavam meio expediente e saiam. Então não tinham conhecimento....

F.T. - Se tinha era muito por alto. Às vezes nem tinha direito conhecimento do que ia acontecer.

C.N. - O senhor ficou sabendo quando que a escola ia ser federalizada?

F.T. – Eu, para te dizer a verdade, não me lembro. Eu antes de eu ser solicitado para ser diretor eu já sabia que estava alguma coisa em andamento... Quando a federalização...

C.N. - O senhor lembra o ano em que tomou posse como diretor?

F.T. – Não, não me lembro. Gozado, ser diretor de uma entidade, é como eu sempre digo, é um acidente dentro da função de professor. Eu sempre digo, a função dele não é isso, a função dele é professor e eu sempre me considerava professor, e eu nem gostava sabe....

C.N. - Mas professor, o fato é que....

F.T. - Nós fomos guindados ao posto de...

C.N. – Diretor.

F.T. - Coordenador. O título não era diretor. Era coordenador ESEF. Eu coordenava aquilo lá apesar e sempre me considerar e me considero um zero à esquerda. Me botaram lá e a gente faz força para fazer as coisas bem feitas, não? Por exemplo, na secretaria me batiam um ofício, aquele ia às vezes três vezes de volta. O pouco português que eu sabia eu olhava assim e “mas está errado aqui, está errado ali, bateram duas vezes na mesma tecla.” Onde é

---

<sup>12</sup> Cidade Brasileira

que se viu isso dentro de uma Universidade? É o mais alto grau dentro do contexto de Educação, então o cara que está lá dentro tem que fazer as coisas muito bem feitas. E elas ficavam chateadas comigo, as secretárias porque eu fazia voltar várias vezes aquele papel para ser refeito e eu não admitia e assim mesmo deve ter passado muita porcaria.

C.N. - Então o senhor falou que não repercutiu mas o fato é que a cerimônia ocorreu, o senhor era diretor, e como ela repercutiu no meio acadêmico na época?

F.T. - Dentro da escola?

C.N. - É.

F.T. - É. A princípio foi meio confuso, sabe? Porque nós tivemos que terminar com aquelas turmas que começaram seriadas, tinha que terminar com aquilo para que os novos que entrassem já entrassem dentro do novo regime de disciplinas, de escolher as disciplinas...Fazer anatomia na sala de anatomia da Faculdade de Medicina e outros em outros lugares: Faculdade de Educação.. E aquilo não existia antes, o aluno estava dentro e não perdia tempo em deslocamento. Aí depois o cara dizia assim: eu quero fazer atletismo 1, aí já não era mais porque no tempo que ela não era federalizada, que era seriado, professor Rubem Millius<sup>13</sup> era o chefe da cadeira de desportos individuais, ali era assim: desportos coletivos, desportos individuais, desportos de ataque e defesa e o Millius - já também falecido esse meu colega - ele era de desportos individuais, que consistia em saltos, corridas, arremessos, as disciplinas desta dos desportos individuais. E eu era professor de arremessos, depois entrou tênis, aí foi aquela briga. Olharam assim a carga horária, poucas horas de trabalho: “você vai dar Tênis!” Mas eu *nunca* joguei tênis na minha vida! Eu não sabia jogar tênis. Á toque de caixa peguei um professor e fui aprender tênis lá naquele clube lá em cima em Petrópolis<sup>14</sup> e fui me aprendendo o que mais me preocupava era a aquisição de documentos, de livros sobre os assuntos que eu lecionava. Naquele tempo até eu já estava na Escola eu lecionava, eu dava atletismo para a equipe de atletismo da SOGIPA<sup>15</sup>. E assinava revistas alemãs, comprava tudo que aparecia, tudo que

---

<sup>13</sup> Rubens Mylius

<sup>14</sup> Bairro da cidade de Porto Alegre

<sup>15</sup> Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

me interessava. Depois cheguei a conclusão de que um copiava do outro, o francês copiava de alemão, o alemão copiava não sei de quem, o russo copiava dos alemães, os alemães copiavam dos russos, até os desenhos são iguais. Aí eu cheguei a conclusão que não adiantava comprar mais nada porque dava tudo no mesmo, não tinha novidade. Não podia ter mesmo, porque salto em altura era salto em altura, era o estilo às vezes. Mas era o salto em distância, era salto em distância, corrida era corrida e acabou-se a conversa, não é?

C.N. - Mas fora essa questão das turmas seriadas que outra repercussão gerou a federalização? E a cerimônia? Os alunos estavam empolgados? Os professores também?

F.T. – Olha, para dizer a verdade nós nem fizemos festa nenhuma. A entrada foi a....Nós estávamos em pleno andamento e eu fiquei três anos na coordenação, depois teve a eleição entrou como diretor um professor já falecido, Jacintho Targa<sup>16</sup>. A esposa dele era professora de tênis. Ele tinha sido já anteriormente, no tempo que era do Estado, ele tinha sido diretor, e era muito interessado, tanto é que qualquer coisa que havia na França, ele ia lá, assistia aquilo lá, trazia as novidades. De maneira que eu não me lembro bem da festa, se houve festa ou não houve. Eu acredito que não houve nada. Nós entramos assim, de mansinho, quando nós nos damos conta nós estávamos funcionando plenamente dentro do sistema de créditos e disciplinas com seus créditos e tudo.

C.N. - Então os professores não participaram do processo de federalização, ou melhor, participaram de uma forma passiva? O senhor foi comunicado que a Escola ia ser federalizada e o senhor estava lá, assim representando?

F.T. - Eles assistiram à visita do Reitor, assistiram a visita do Ministro e sabiam o que estava acontecendo...

C.N. - Sim, isso eu entendi.

F.T. - Tinha aluno que estava mais por dentro daquilo que estava acontecendo do que eu. Eu tinha que atender o Júlio de Castilhos<sup>17</sup>, tinha que atender a SOGIPA, tinha que atender

---

<sup>16</sup> Jacintho Francisco Targa.

<sup>17</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos

a Escola, tinha que atender, sei lá o que tudo....E o aluno, ele está mais a vontade, tem mais possibilidades de saber das coisas do que propriamente um professor. O professor, em geral, é casado e com filhos na Universidade também... Meus três filhos estavam cursando escola superior, faculdades não é? A gente estava sempre na...A alemão diz [palavra em alemão incompreensível] pronto para o salto, tinha que estar sempre pronto.

C.N. - Assim, de uma maneira geral, isso não foi só com o senhor, o senhor acredita que com os seus colegas, os outros professores da escola também não estavam assim tão a par dos acontecimentos?

F.T. - É sim, principalmente aqueles que trabalhavam, que tinha serviço como - vamos dizer assim - ficavam empenhados em coisas porque tinha muito professor que tinha colégio fora, tinha que atender ao colégio e eles não podiam ficar por dentro de tudo porque tudo requer tempo. Você, para uma idéia do que é uma coisa, você tem que estudar aquilo e aquilo leva tempo, não é?

C.N. - Mais uma coisa, quando o senhor assumiu a faculdade, como que o senhor foi notificado que a Escola ia ser federalizada? O senhor se lembra?

T - Não me lembro. Eu entrei, aí já tava um zum-zum. A Escola nós temos que dar um jeito porque a Escola....

C.N. - Mas quem é que fazia esse zum-zum?

F.T. - O pessoal todo da secretária, eles todos estavam sabendo que isso ia acontecer.

C.N. - O senhor acredita que a Secretária da Educação estava muito mais a par dos acontecimentos do que a Escola?

F.T. - Eu acredito porque eles deviam ter recebido a notificação de que a Escola tinha que satisfazer um montão de quesitos pra poder ser federalizada...

C.N. - O senhor acha que dá para dizer que foi a Secretaria que intermediou tudo...

F.T. - Ela estava ligada a isso sim, estava. Não foi um ato solitário, a Secretária de Educação sabia o que ia acontecer porque foi da parte da Secretaria da Educação que eu recebi a incumbência da gerência a Escola que estava em fase de implantação no sistema federal. Mas eu – é. Como eu estava dizendo - eram coisas que não me tocavam, dentro de mim não repercutiu, não sei se você está entendendo o que eu quero dizer? Você vai num cinema, vai ver um filme, os outros acham aquilo uma *barbaridade!* *Coisa boa!* Para mim não foi nada, não achei nada de interessante, não toca e como eu não estava... Vamos dizer, anteriormente à federalização, aquele zum-zum de que vai ser federalizado, pois nem tinha tempo para isso. Então não calou muito fundo, mas eu me empenhei, vamos dizer assim, me empenhei a fundo para que a coisa funcionasse. Esse é outro aspecto da coisa. A implantação dos departamentos, as reuniões, a tudo que concerne a um bom funcionamento de uma escola, dentro de um sistema federal, eu tinha que estar por dentro não é? Eu estava sempre em contato lá com o pessoal da universidade, eles me “davam as tintas”. “Olha, tu tens que fazer isso, tu tens que fazer aquilo.” Então chegava lá, reunia a turma e vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Apresentava os... Nomeava grupos de trabalho que se incumbiam do resto, inclusive pesquisando junto às escolas já existentes, pra ver o que que fazia com que uma escola. Era uma escola do âmbito federal, não é?

C.N. - Mas o senhor acreditava que a federalização ia ser boa para Escola?

F.T. - Acreditava, acreditava sim pelo fato de que nós passávamos de um estágio secundário para um estágio superior, estás entendendo? Nós subíamos um degrau, embora eu sempre achava que a nossa turma de professores não tinha ainda a qualificação, nós não estávamos acostumados a trabalhar com o pessoal de colégio, com -vamos dizer assim - preparando aquele pessoal para trabalhar em colégio, mas não dentro de um sistema federal que já é mais duro, já aprofunda mais, né? É mais aprofundado. Mas nós todos achamos que foi um bom negócio entrar na universidade, porque nós, monetariamente, melhoramos pouca coisa. Eu estou aposentado e meu salário de professor da universidade são duzentos e cinquenta reais. Isso não é salário de professor. Mas pensando no todo que existe a gente chega à conclusão que muito mais do que isso a universidade não suporta, não é?

C.N. - Mas mesmo assim não justifica alguém que trabalhou tanto tempo receber tão pouco...

F.T. - Eu no Estado recebo mais! Meu salário é bem maior no Estado e você sabe? Esse sistema vem lá de cima, de constar no contra-cheque salário tanto, adicional tanto, mais isso e mais aquilo. É que na “hora H” a gente morre e sobra uma mixaria para mulher, que foi mulher do professor...

C.N. - Mas em relação à Escola professor, tirando a questão bastante discutida da seriação, o que mudou na estrutura física da Escola? Campos, pista, etc. Gostaria que o senhor me citasse se houve estas mudanças.

F.T. - Aí começou uma era de progresso para Escola, devagarzinho. Era um conjunto de edifícios que era. O pavilhão, ligado por aquelas passarelas, eu acho que existem ainda...

C.N. - Reformaram e colocaram cobertura nova. O senhor tinha que ir lá algum dia...

F.T. - Aquilo é bonito, foi bem feito no tempo do Estado, uma construção de material, de dois andares, embaixo tinha a secretaria, sala do diretor, sala dos professores, departamento médico e em cima tinha um grande salão que era a ginástica rítmica.

C.N. - Onde a sua filha dá aula, onde eu fui aluno dela, naquela sala...

F.T. – Continua, viu.... Bom, o professorado, o “status” de professor universitário, caramba, para mim não quis dizer nada. Mas para muita gente que andava de peito estufado como professor universitário. E o pior que eu sempre dizia: o mal do professor em geral é ele nunca se atualiza depois que começa a trabalhar, ele não tem tempo para se atualizar e o material que existe para se atualizar, um copia do outro. Não sei se estás me entendendo? Não tem novidade, não tem coisa... O que o professor pode fazer é pegar os [palavra inaudível] e dar uma olhada ali naquilo, o que eu estou fazendo certo, vê o que eu não estou fazendo e pronto. O que é a atualização, porque do contrário não sei se hoje em dia já melhorou esse negócio, mas no meu tempo era muito sério. Quando o cara queria fazer um curso tinha que ir para a França, ou ia para a Argentina. Ou, às vezes, era São Paulo, mas eles cantavam os mesmo versos que nós cantávamos aqui no Sul. Não adianta querer que... Melhorar as coisas porquê não sabiam mais do que nós, o gaúcho sempre foi

*bom!* Sempre foi bom e pelo fato dele ter uma origem mais acentuada de europeu... Você por exemplo tem cara de ser de italiano...

C.N. - Não. Sou descendente de espanhóis.

F.T. – Espanhol. Tem mais brio, vergonha para mim...Pomba. É chegar lá e não conhecer certas coisas então, por exemplo, eu ficava envergonhado quando o aluno me perguntava certas coisas e eu não tinha condições de responder, eu digo: “Não, espera um pouco! Eu vou dar uma olhada no que eu tenho de documentação sobre isto e depois te dou a resposta, está? Porque assim de saída eu não sei te responder”. Então, às vezes, a gente tem que ter a humildade de aceitar a condição de não saber, mas é como eu te disse...Agora parece-me que um dia o Faraco veio nos visitar lá na Escola...Sílvio Santos<sup>18</sup> estava junto e aí o Faraco muito interessado nos alunos da Escola perguntou em quanto tempo eu achava que nós íamos poder fazer uma equipe de esportes de renome nacional. Eu disse: “olha professor Faraco, isso leva *trinta anos!* Aí o Silvio Santos estava do lado e: “*trinta anos professor!* Isso a gente faz em três anos, busca um lá da fronteira, um lá daqui e eu digo: *Não!* Isso não é fazer equipe! *Isso não é fazer equipe!* A equipe sai de um contexto geral, o pessoal tem que saber fazer aquilo, não ser um expoente num lugar por conta própria, como é que acontecia naquela época. Que eu tinha um bom arremessador de peso, mas era um salafatório só! Um arremessador era um só! E não ensinava os outros! Eu digo, isso não é fazer equipe e o Faraco botou a mão na cabeça achando uma barbaridade. Se ele tivesse vivo, não tivesse morrido, ele ia dizer: “Olha, o professor naquela vez, quando eu visitei a escola na época da Federalização disse uma coisa que agora está acontecendo! Agora nós estamos entrando nos trinta anos, agora se faz tênis em quase todos os clubes, tem vôlei em todos os clubes e tem basquete”... Nós somos expoentes em futebol porque naquela época já éramos em futebol e eu sempre dizia: futebol porque todo mundo joga! Não é difícil fazer uma equipe porque se tu olhas assim, lá no clube tal tem um bom jogador, vamos convidar pra vir pra cá! Mas no atletismo não tem! Não tem no tênis, não tem no vôlei e não tem no basquete. E no colégio o pessoal não gosta de basquete, não gosta de vôlei. Os colégios públicos todos não têm condições! Qual é o colégio público que tem cancha de vôlei, de basquete, de tênis, uma piscina, não tem isso a gente talvez tenha agora um ou

---

<sup>18</sup> Nome sujeito à confirmação.

dois... Eram os dos tempos do Brizola<sup>19</sup>, os CIEPs<sup>20</sup>..vê se está funcionando? Em geral não funciona porque precisa de dinheiro. Aquilo não é para nós, nosso país é de pobre, nosso pessoal é de correr descalço, não é de correr de tênis, não tem... Nós somos dentro do contexto do africano, é uma pena, mas é essa a verdade. Pra mim não existe, não adianta quere tapar o sol com a peneira porque agora nós estamos entrando...Nós temos equipe de vôlei, temos equipe de basquete, nós temos um, vários tenistas bons. Temos, o que está fraco é o atletismo, o atletismo ainda está muito fraco né? Enquanto que o europeu arremessa o dardo a oitenta metros o nosso, a pau e corda, chega no sessenta. O martelo - eu fui técnico disso, eu ensinei o recordista sul americano de arremesso de martelo, era meu aluno. Eu ensinei a ele arremessar martelo. Bruno Stroumaiar<sup>21</sup>. Agora deve ter deixado do esporte porque a idade também pega e a gente não vai lá. Ele arremessou sessenta e cinco metros o martelo que é uma porcaria de distância [risos] em relação ao que arremessa um russo, um alemão. O alemão na época das Olimpíadas de 1936... Havia três arremessadores de martelo, todos eles passando dos sessenta metros. Ficaram com o primeiro, segundo e terceiro lugares. O meu ex-professor, até já me referi a ele, Frederico Gaelzer<sup>22</sup>, ele tinha as Olimpíadas e disse: “a nossa equipe era uma vergonha. Andavam passeando com aquela faixa bem...uma camiseta bem grande, bonita, escrita Brasil em cima, mas não eram de nada. Não fizeram coisa nenhuma. Não por culpa deles só, é por culpa da situação geral do país”.

C.N. - Mas voltando para a questão do país, quando a Escola passou a ser federal, o senhor mencionou que começou a entrar verba pra escola. O senhor poderia citar então as mudanças físicas que a escola sofreu?

F.T. - A princípio ainda o Estado ajudava. Eu não me lembro bem qual foi a negociação entre a parte federal e a estadual, mas tenho a impressão que o governo estadual ainda subvencionava alguma coisa.

C.N. - Mas então era o Estado e o Governo Federal que mandavam verba para Escola?

---

<sup>19</sup> Leonel de Moura Brizola.

<sup>20</sup> Centros Integrados de Educação Pública

<sup>21</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>22</sup> Frederico Guilherme Gaelzer.

F.T. – É, mas as verbas naquela época eram mínimas. No tempo que eu estava lá eu me lembro que às vezes tinha que comprar material e era uma briga, porque a gente tinha que ir lá... Porque a universidade tem um departamento de compras, é ali de frente da Ipiranga<sup>23</sup>, do telescópio ali...

C.N. - Do planetário<sup>24</sup>?

F.T. - É. Do planetário. A gente tinha que ir lá, levava já o papel assinado pelo Reitor ou pelo encarregado daquela época...Eu não me lembro se o Reitor não precisava assinar aquilo porque...Mas ele autorizava e ali a gente dizia o que queria. Eles compravam. Melhorou um pouquinho para nós a questão do material.

C.N. - E que mais que se pode dizer que melhorou? Se não melhorou o senhor pode dizer, que simplesmente não melhorou...

F.T. – Não. É que, como era uma Escola nova, eu acredito que a universidade toda teve que se adaptar às verbas que ela recebia do centro, vamos dizer, do governo central. Tiveram que ser recalculadas para que a Escola recebesse uma determinada verba. E nós tínhamos necessidade, então, começou a nossa cancha de tênis - era uma porcaria de cancha lá- agora aterraram tudo aquilo lá, fizeram canchas de cimento, eu não tive lá depois disso....

C.N. - Depois da federalização?

F.T. – É, depois da federalização.

C.N. - Então melhorou.

F.T. - Primeiro não tinha. Era uma cancha de areão e eu muitas vezes dei aulas de tênis. Primeiro eu alisava lá com o rastilho. Dava um jeito para a rapaziada conseguir receber

---

<sup>23</sup> Avenida Ipiranga

<sup>24</sup> Planetário Professor José Baptista Pereira, inaugurado em novembro de 1972

uma aula. Aí veio verba, fizeram uma boa piscina, aquecida lá e construíram um estádio, botaram na pista, aquela cobertura....

C.N. - Emborrachada...

F.T. – É, tudo isso não existia. Tudo depois da entrada pro Governo Federal. Daí a coisa, depois de algum tempo, que eu acredito que devia ser o tempo de adaptação necessário para que fossem recalculadas as verbas todas, nós recebemos... Eu não peguei mais Escola, já tinha me aposentado, já estava aposentado naquela época quando começaram a arrumar a Escola. Foi em outra direção. Então eu não tive nada a ver com tudo que foi feito lá dentro da Escola, de coisa boa que tem lá na Escola; eu não tenho nada a ver com aquilo porque não fui, não tinha... Não era mais necessário em consultar porque eu não era mais nada da Escola, já estava aposentado. Entendeu não é? O que eu quis dizer, daí o Peixinho, conhece né? Jayme Werner<sup>25</sup> ...

C.N. - Ele é uma lenda o Peixinho. Não conheço ele pessoalmente, mas ouvi falar muito dele....

F.T. - É. Ele empenhou-se na construção da piscina, empenhou-se dentro da construção dentro de um sistema que tem visores embaixo, que dá pra olhar o movimento que o aluno faz ao nadar, acompanhar tudo aquilo, não é? Aquilo tudo é obra, incentivo do Jayme Werner dos Reis, o Peixinho. O estádio, eles mandaram arrumar e tudo...

C.N. - Então em teve bastantes alterações, como o senhor falou, com as verbas.

F.T. - A mudança para o federal para a Escola física de saída foi muito boa porque em poucos anos a Escola floresceu, ela ficou outra coisa....

C.N. - Mas agora eu quero saber, e para os professores. O senhor admitiu que teve um certo “status”, mas pelo visto o senhor não deu “muita bola” para isto não...

F.T. - Como bola?

C.N. - O senhor não ligou muito para isto...

F.T. - Não podia ligar porque quando eles fizeram isto eu já não era mais professor da escola, não assisti mais, nunca me consultaram nem nada.

C.N. – Sim, mas o senhor e seus colegas eram professores do Estado quando passaram a ser professores federais ao invés de estaduais... Os professores em geral e o senhor sentiram-se mais importantes devidos a isto?

F.T. – Eu não faria, eu nunca fiz alarde disto, sabe...

C.N. - Mas teve colega seu que fez?

F.T. - Eu não me lembro, mas em geral o cara usava esta coisa, o cara dentro da Universidade: “Ah! Eu sou professor universitário, *Caramba!*” Eu, por duas razões, eu porque eu sou assim, não é? Não faço questão, eu quero é trabalhar sabe, quero produzir e a segunda era pelo fato de eu achar que a minha qualificação de professor eu achava muito aquém daquilo que deveria ter para ser professor universitário. Quando, depois com o tempo, eu fui descobrir que eu estava com o rango na frente sabe, correndo na frente porque eu estudava, eu sabia das coisas, quando os caras diziam e eu sabia o que eles estavam dizendo, essas coisas todas... Isso aí sempre foi a minha maior preocupação: estar por dentro do melhor. Eu fiz coisas que eram aceitas até lá no nordeste, eu sei que um dos Estados de lá mandou uma ficha biométrica, porque hoje em dia parece que não usa-se ainda em colégio....

C.N. - Não sei, acho que não.

F.T. - Não lecionas em colégio?

C.N. - Ainda não, infelizmente ainda não. Mas professor, eu já notei que quanto a esta questão do “status” o senhor nunca deu muita importância, embora alguns de seus colegas

---

<sup>25</sup> Jayme Werner dos Reis.

sim. Mas em relação a demissões, admissões de pessoal, ocorreu algo assim no decorrer da federalização?

F.T. - No tempo que eu estava lá e assumi a direção da Escola tinha uma figura de professor que era o professor - é como se ele tivesse lá para futuramente ser professor da Escola. Lecionava e tudo, assinava os papéis e tudo e, quando entrou a Universidade, eu recebi um papel da reitoria assinado pelo Reitor de que todos aqueles funcionários e professores que não eram nomeados dentro da Escola, não tinham a nomeação, tinham que ser dispensados. Aí me caiu esta bomba na mão, tu vês? O que que tu pensas que é isso? Dizer para um amigo “Olha, eu recebi isso e aqui: está o papel dizendo que tu não és mais professor”.

C.N. - Assim que a Escola passasse a federal eles tinham que ser dispensados?

F.T. - Nós já estávamos dentro do federal daí eles se deram conta que na hora do pagamento, na hora que o professorado da Escola entrou em condições de... Especiais... Eu acho que não tinha outra escola ou outro departamento dentro da Universidade que tivesse os professores com o título de efetivos, estás entendendo? Nós éramos permanentes, nós chegamos, nós fazíamos parte dos trastes da Escola. *Éramos permanentes!* Os outros não eram, os outros eram contratados, eram isto, eram aquilo, estavam sujeitos a serem despachados de uma hora pra outra e na hora de fazer uma previsão dos gastos, eles olharam e “olha, fulano é isso, não é professor da escola, ele está lá de...”

C.N. - Os contratados então foram dispensados?

F.T. - O meu trabalho, vamos dizer – horrroso - era ter que dizer para um amigo: “Tu não és mais funcionário!” E manda uma carta que ele tem que assinar que recebeu, que está dispensado. ...

C.N. - Entendi.. Então houve demissões.

F.T. - É uma demissão indireta, porque eles não eram nomeados, quer dizer, que eles não eram... Eles foram dispensados, seria o termo exato - dispensados daquilo que estavam fazendo.

C.N. - E por outro lado, houve admissão?

F.T. – Não, naquele tempo que eu em lembre não... Que aqueles professores eram teóricos, da classe dos médicos ali um já dizia: “eu vou me aposentar e cair fora da Escola e tu entras no meu lugar”. Uma coisa assim, não é. Então eram os professores, eles tinham um termo, e tinha também na parte da secretaria tinha algumas lá que estavam encostadas e ficaram brabas, ficaram lá. Não deram em mim porque eram educadas, senão eu teria apanhado. Essa tarefa chata de fazer isso.

C.N. - Mas na Escola, antes de ser federal, as aulas eram todas na ESEF. Com a federalização, algumas disciplinas passaram a ser lecionadas em outros pontos da UFRGS, como a anatomia... Então, quem dava as aulas de anatomia não era mais professor da ESEF, e sim algum de lá?

F.T. - Sim, está entendendo não é? Era essa era a filosofia dessa coisa do sistema por créditos e por disciplina. O aluno precisa de, digamos, técnicas de construção de uma ponte, não vai ser o professor lá. Vai ter um professor lá dentro para dar isso não, ele vai lá na engenharia. Vai lá na Escola de Engenharia. Então, poderia haver muito mais alunos com menos professores porque a verdade é uma escola ela é uma coisa cara. Precisa para manter uma Escola como era a nossa, precisava uma verba bem grande, além do pagamento dos professores, e cada professor dava duas ou três aulas por semana e recebia seu ordenadinho, aquilo é um ônus...

C.N. - Por falar em ordenado, este é um ponto chave. Os professores não receberam nenhum aumento no salário quando passaram a ser federais?

F.T. – Olha, eu para te dizer a verdade, não me lembro. Porque eu passei aquele ordenado que eu recebia no Júlio de Castilhos, eu fui cedido pela Secretaria de Educação para ficar lá, então eu não dava aulas no Júlio nos primeiros tempos de Federalização. Eu recebia lá o

mesmo ordenado que eu recebia no Júlio. Como diretor eu podia ter dito “não, isso aí para diretor é muito pouco”. Mas era coisa que não calava bem na minha idéia, essas coisas nunca...Eu sempre digo para minha esposa, sabe, eu nasci no interior de São Lourenço<sup>26</sup>, lá em 1917 - já pode ver que isto é no século passado -, criado no meio rural. Eu passei a minha infância na enxada, lavrando terra, plantando, colhendo batata e tudo, enquanto meu pai era dentista de colônia, mas o dentista de colônia, naquela época, não ganhava grandes coisas, tinha que trabalhar em três lugares diferentes. À pau e corda o meu pai me deu o meu estudo secundário naquela época que eram cinco anos de ginásio e eu terminei e já tinha a idéia fixa: vou pra Porto Alegre<sup>27</sup> que lá em Pelotas<sup>28</sup> não tinha escolas superiores. Então Porto Alegre, vou para lá. Eu tinha vontade de tirar medicina, parece mentira, a maior besteira que eu ia fazer. Aí quando eu cheguei aqui, naquele ano houve uma modificação com relação à entrada na universidade: para entrar na universidade tinha que fazer o curso pré-médico. Tinha o pré-médico, o pré-científico e o pré-técnico, naquele tempo. Puxa, aquilo foi um baque, eram três anos parece...Aí foi que criaram a Educação Física...

C.N. - E em relação ao número de alunos que a Escola passou a comportar, houver diferenças com a federalização? Isto é, aumentou o número de alunos, diminuiu?

F.T. - Depois da Federalização passou-se a ter o vestibular junto com os outros... É, sempre teve bastante alunos, preenchiam as vagas, tava tudo certo e, em geral, de início pegavam as vagas dos últimos classificados. E aquilo desagradou a maioria dos professores, porque aqueles não tinham vocação para Educação Física, porque eles tinham “script” talvez em medicina, talvez em engenharia e não passavam nesse e ficavam sobrando lá na rabeira da lista dos que passaram na lista do vestibular. Então aqueles: “Bom, então vamos pra Educação Física”. Muita gente achou-se dentro do curso de Educação Física. “*Mas é coisa boa!*”. E outros não: “Ah! Esta porcaria”. Depois já tentavam novo vestibular. Mas era assim, feito dentro do mesmo vestibular. A Escola melhorou neste sentido, nós deixamos de ter, a não ser a parte prática... No meu tempo eu insisti, eu digo, mas pomba seu! Nós exigíamos que o professor tivesse certa aptidão física e não adianta tu colocares um professor de ginástica lá na frente, depois é perneta, ou coisa parecida... Então eles

---

<sup>26</sup> São Lourenço do Sul, cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>27</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

deixaram uns tempos e ficamos fazendo provas práticas que eu não sei se tu fizeste, não houve pra ti?

C.N. - Não.

F.T. - Tu estás fazendo Educação Física, não é?

C.N. – Sim, sexto semestre.

F.T. - No entanto... Lógico, na hora de fazer a prática de basquete ou de vôlei, os professores vão dizer “Ah! Esse cara é bom”. “O espanhol está bom! Tem jeito para coisa!” Mas daí chega um espanhol lá que não tem jeito para nada, vai fazer assim [o entrevistado reproduz um gesto técnico de basquetebol] e a bola passa no meio das mãos, pega no nariz... E nós tínhamos lá... Tinha gente que de sã consciência não podiam entrar na Escola porque na hora de demonstrar, demonstravam uma coisa completamente diferente. O aluno: “Mas eu vou ter que fazer aquilo! Ah, não dá!”, não é? E nós então ficamos ainda alguns tempos fazendo provas práticas que também caíram. Deixaram de existir, chegaram a conclusão que durante o curso... Há uma seleção natural, não é?

C.N. - Para finalizar professor, aquela questão do contexto da época. O senhor acredita que a intenção do governo ao investir na Educação Física era de alienar os alunos, tomando tempo que estes antes destinavam à manifestações político-ideológicas?

F.T. – Não, eu acho que não. Eu nunca senti isso! Não.

C.N. - O que o senhor acha desta hipótese então, que o esporte serviria como instrumento de alienação do estudante?

F.T. – Não, eu acho que isso aí é mais guerra da oposição do que propriamente alguma coisa de verdade no meio. Você me diga o seguinte: Quem não quer se molhar não vai na chuva. Esses caras, por exemplo, agora tem esses caras nesta barafunda no oriente de atentados e retaliação Estado-Unidense, quando eles mostram o pessoal lá do Afeganistão,

---

<sup>28</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

a gritaria, olha bem para ver quem é que faz a arruaça lá dentro. Que no primeiro tiro se borram todo e aquilo então fica sendo como exemplo, não está bom não, é uma coisa muito errada e eles, os governantes, estão sabendo disso, eles já não tão dando bola para isto, eles mostram isso e aquilo para impressionar, mas aquilo não impressiona coisa nenhuma! A gente está sabendo que aquilo lá é insuflado. Se tu pegas uma tropa de gurizada e começa a dizer uma coisa e fazer, eles te acompanham, acabam acompanhando, eles não tem ainda uma opinião formada. Estás entendendo o que eu quero dizer? E no tempo dos militares o incentivo ao esporte, se houve o incentivo, houve e foi muito bom porque os outros não faziam *nada*! Aí é que está *a*! A droga, a coisa está toda ali quando a gente faz alguma coisa, se tu começa, por exemplo, a fazer alguma coisa, sempre vai ter alguém dizendo aquilo “o cara está com interesse de alguma coisa!”. E tu não estás com interesse de alguma coisa, a não ser o interesse em ajudar e melhorar, mas vão logo têm os do contra, ou daqueles que eu sempre digo, classifico: estes são as nulidades que aparecem nas costas dos que fazem alguma coisa. Aparece botando os outros para baixo, é como o cara que não sabe nadar, ele afunda e mata o cara que sabe nadar porque ele sobe em cima do sujeito para se salvar. Isso aí é uma coisa que sempre me irritou muito, me irrita, saber que o cara... E assim ainda continua, a política é a mesma coisa, está todo mundo, eles desfazem o outro. Não desfazem com o intuito de melhorar, eles desfazem com o intuito de subir e isso não está certo, como é o teu nome mesmo?

C.N. - Cássio...

F.T. - Tássio?

C.N. - Cássio!

F.T. – É, eu me esqueci do nome do Cássio, mas que cabeça...Então eu acho que a gente tem que ser honesto, mesmo que seja com alguém que eu não simpatizo. Mas se o cara é bom, é bom! Porque que eu vou rebaixá-lo? Com qualidade minha eu vou rebaixar um cara que é melhor que eu? Não posso, de jeito nenhum...De sã consciência eu fico quieto, aplaudo ele e incentivo, inclusive, se for necessário. E isso, no tempo dos militares, o pessoal não... É os que eram do contra mesmo, eram uma minoria, que tinha a minoria safada, aqueles que roubam e que agora parece que roubaram por tudo quanto é canto, tem

senadores ladrões, tem juízes ladrões, tu não podes mais acreditar num juiz? O que é isso dentro dentro de uma sociedade e o juiz que é o mais alto grau de honestidade tem que ser dentro do país se ele diz assim “Você é ladrão!” Ele diz é porque ele tem o conhecimento de causa e sabe que é! E não, depois o cara vem e “Não, ladrão é tu!” [risos] Não é? Que andastes roubando isto e roubando aquilo, então o poder judiciário se borrou para mim. No Brasil tem que haver uma remodelação total em tudo porque é esse pessoal - pode ser que a juventude que está se criando agora, que está começando, que está tomando jeito - ela enxergue as coisas e “Vamos dar um jeito porque os nossos antepassados todos foram elementos que não são de confiança”. Eu acho que... Então, quando falam dos militares, eles falam militares. Eles não falam do militar, do General Fulano de Tal, não. Eles falam dos militares, não está certo! Então “Os professores são todos vagabundos!” *Não!* Não pode generalizar os fatos, não dá! É o professor Fulano que é safado... Nós temos um professor na Escola que pegou o apelido de professor moita, professor é aquele que está lá chove ou não chove, faça sol ou não faça e tem que estar lá. Ele tem que saber procurar se atualizar para que o aluno não seja melhor do que ele.

[FINAL DO DEPOIMENTO]